

Através das oficinas de criação, ampliaram-se as linguagens plástica e poética que, ao se entrelaçarem, possibilitaram a cada participante vivenciar esteticamente seu processo de formação, trazendo as memórias de si, de sua própria formação como aluno. As propostas foram, muitas vezes, do individual ao coletivo; outras vezes, do coletivo ao individual, utilizando-se materiais diversos e sempre criando oportunidade para o uso da palavra oral e escrita.

Maria Cristina dos Santos Peixoto

Resgatando histórias e cultura escolar: o foco na formação estética docente

Rescuing stories and school culture: focus on aesthetic teacher training

MARIA CRISTINA DOS SANTOS PEIXOTO*

Resumo

O artigo intenta compartilhar reflexões sobre uma pesquisa educacional desenvolvida com professores em formação inicial, no Rio de Janeiro. Objetivou resgatar registros e memórias na constituição de ser professora. Utilizou-se como metodologia oficinas pedagógicas estéticas, que tangenciaram o conceito de Arte, enquanto uma linguagem potencializada, que contribuiu para a constituição do sujeito (VYGOTSKY) e para a ampliação da consciência estética humana. Teve como suporte as categorias: criatividade, auto-conhecimento, formação docente, narrativas (auto)biográficas, vivenciadas através das linguagens expressivas: plástica, poética e cênica, além do uso da Palavra, enquanto um lugar de narração e construção de si: Josso; Dominicé; Sposito; Freitas. Como corpus da pesquisa elegeu-se: observação; diário de bordo; produção de imagens; registro escrito; entrevistas; questionários; registros fotográficos e filmagens. Os resultados da pesquisa apontaram no sentido de que as linguagens expressivas potencializam as memórias escolares das futuras professoras e que as narrativas de si favorecem um alicerce para a formação inicial de professores.

Palavras-chave: Formação estética de professores. Memórias. Cultura escolar. Narrativas de si.

Abstract

The article intends to share reflections on educational research developed with teachers in initial training, in Rio de Janeiro. It aimed to rescue records and memories in the constitution of being a teacher. The methodology used

* Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Brasil; Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil; Email: cristina.peixoto10@gmail.com.

was aesthetic teaching workshops, which enhanced the concept of art, as a enhanced language which contributes to the constitution of the subject (VYGOTSKY) and to the extent of the aesthetical human consciousness. It had the following categories as support: creativity, self-awareness, teacher training, autobiographical narratives, experienced through expressive languages: plastic, poetic and scenic ones, besides the use of the Word, as a place of narration and a self-construction.: Josso, Dominicé, Sposito, Freitas. As research corpus, it was elected: observation, a logbook, images production, written records, interviews, questionnaires, photo records and filming. The results of the research have pointed that expressive languages have enhanced the school memories of future teachers and that the self narratives favor a support for initial teachers training.

Keywords: Aesthetic Teacher Training. Memories. School Culture. Self-narratives.

Introdução

Ser professor, hoje, é viver, intensamente, o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber – não o dado, a informação, o puro conhecimento – porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso, eles são imprescindíveis (GADOTTI, 2007, p. 22).

A epígrafe que ora apresentamos retrata como percebe-se hoje o desafio de ser educador, uma vez que envolve ir além dos parâmetros que ainda são forçados para que se abrace novas/velhas teorias e práticas que se comprometam com a formação dos futuros professores em busca de perguntas e respostas que alimentem a razão e a sensibilidade humana.

Assim, este trabalho traz consigo um esforço institucional de acompanhar e registrar a trajetória de jovens alunas em um curso de formação de professores para as séries iniciais do ensino médio normal, em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. Na tentativa de compreender as memórias construídas do universo da cultura escolar, como espaço de sociabilidade e de práticas educativas desenvolveu-se, desde o ano de 2008, uma pesquisa com sessenta jovens dessa instituição pública, pretendendo identificar, interpretar e descrever os diálogos acerca das vivências e memórias escolares, através do espaço pedagógico nomeado de Oficinas de Criação.

Essa investigação está relacionada no contexto das diretrizes para formação de professores e, especialmente, diz respeito às reflexões quanto “à pressão da juventude pela profissionalização após o ensino fundamental, o que coloca um imenso contingente de jovens no exercício do magistério e na busca de profissionalização” (FREITAS, 2009, p. 86).

Assim, ganha novos contornos a importância da investigação realizada ao indagar-se sobre o tipo de experiência intelectual e cultural que as jovens, futuras professoras, oriundas das camadas mais desfavorecidas materialmente estão tendo oportunidade de vivenciar.

Segundo Sposito (2007), estaria sendo estruturado algum patamar de relações significativas para novas aprendizagens, ou as instituições de formação têm oferecido apenas um credenciamento, cuja única referência importante se transforma em uma vaga lembrança de um professor ou professora que souberam interagir de forma mais intensa com os alunos, fortalecendo seu desenvolvimento pessoal e profissional?

No presente artigo dar-se-à um enfoque mais ampliado às questões relacionadas à cultura escolar e à formação estética de futuros educadores.

A emergência da formação de jovens alunas e a cultura escolar expressa nas oficinas de criação

Destaca-se que o texto intencionou, retornando aos objetivos desenhados, por meio da investigação realizada, identificar, interpretar e descrever os diálogos acerca das vivências e experiências escolares; das contribuições da instituição escolar de nível médio frente à formação; das expectativas desses jovens alunos em relação ao trabalho e sobre seus projetos de vida e de futuro. Além disso, propõe-se a compreender o complexo universo da cultura escolar que abrange a formação das futuras profissionais, articulado às discussões sobre a qualidade educacional e à necessidade de construir alternativas pedagógicas para os primeiros anos da Educação Básica, tendo em vista as continuidades e mudanças na carreira docente.

Nesse cenário, construiu-se um espaço denominado de oficinas criativas, que ocorreram em encontros semanais. Inicialmente, em espaço do próprio Colégio Estadual “João Pessoa” e, a partir do segundo semestre de 2008, por motivos de obras na escola, passaram a acontecer na Universidade Estadual do Norte Fluminense “Darcy Ribeiro”, totalizando uma média de sessenta horas de atividades.

Foi eleita a abordagem qualitativa de pesquisa, buscando priorizar os aspectos dinâmicos/complexos/subjetivos da natureza humana, o que fez procurar, nos encontros vivenciais, facilitar o espaço de escuta atenta dos sujeitos participantes, de acordo com Lücke e André (1988).

Como as Oficinas de criação tiveram por objetivo oportunizar vivências expressivas, tomou-se a categoria Vivência como a que possibilita um saber do todo através da experiência das partes. Uma vivência poderá favorecer o

direcionamento a encontros com o próprio potencial, considerando-se o ser em suas múltiplas formas de expressão. Uma vivência ou uma experiência possibilitam um aprendizado circular, favorecendo a inclusão do sujeito no processo de globalização de sua interiorização/exteriorização, proporcionando-lhe tomar consciência do todo, através da ação, ou seja, um “perceber-se em ação” (LARROSA, 2002).

Desse modo, através das oficinas de criação, ampliaram-se as linguagens plástica e poética que, ao se entrelaçarem, possibilitaram a cada participante vivenciar esteticamente seu processo de formação, trazendo as memórias de si, de sua própria formação como aluno. As propostas foram, muitas vezes, do individual ao coletivo; outras vezes, do coletivo ao individual, utilizando-se materiais diversos e sempre criando oportunidade para o uso da palavra oral e escrita.

Com essa perspectiva, muitas histórias foram tecidas, dando espaço à imaginação. Desenhos, esculturas em argila, esculturas com massa de modelar, bonecas de papel entravam em cena e, coletivamente, em processo alquímico, transformavam-se em criativas histórias, que ora deslumbravam os(as) autores(as), ora os(as) faziam emocionar-se com as lembranças!

Tais registros eram feitos em diários de bordo, do tipo diário de campo, o qual criativamente foi construído, por cada um. Verificou-se, através dos escritos criativos, como cada aluna, ao longo do processo, ia construindo a capacidade de refletir sobre a própria formação, o que Souza (2007, p. 76) sublinha:

O processo de escrita reflexiva permite que o sujeito produza um conhecimento sobre si mesmo, sobre os outros e sobre seu cotidiano, o que potencializa o contato com sua singularidade e a reflexão sobre sua identidade. É, pois, processo de formação e de conhecimento fundamentado nas experiências do sujeito.

Foi possível constatar que existia uma expectativa das jovens que participaram da pesquisa de que a vida pessoal iria melhorar a partir da educação. Apesar de reconhecerem as precariedades da escola pública, percebe-se que há uma grande variação quanto às chances de continuarem os estudos ou as possibilidades de atuarem como profissionais da educação.

As memórias da cultura escolar que foram vivenciadas, as lembranças das várias interrupções nos estudos que muitas alunas passaram, de modo a garantir a sobrevivência familiar, foram sendo reveladas nas entrevistas semi-estruturadas e nas oficinas de criação. Esses registros serão compartilhados no presente texto, objetivando questionamentos sobre a qualidade do ensino, além da possibilidade de analisarmos os depoimentos das jovens sobre a importância de terem acesso à escola. Sobre tal questão foi possível verificar que, embora percebessem que o acesso à escola era precário, ainda assim as jovens se sentiam determinadas em caminhar por trilhas incertas.

Nessa trajetória, instigou-se, através de atividades pedagógicas expressivas, que as professoras em formação inicial pudessem expressar o presente e o passado durante as oficinas, favorecendo com que lidassem com suas percepções, seus valores, seus conhecimentos e suas linguagens próprias, assim ressignificando aprendizagens de formação docente.

Na escavação das memórias foram sendo desvelados o ritmo e a organização das vivências escolares na escola primária, onde os conteúdos expostos pelos professores exigiam atividades de leituras com orientações como: a execução de exercícios; pesquisas sobre diversos temas; trabalhos em grupo, que finalizavam com a realização de provas para a verificação da aprendizagem.

Tais vivências revelavam que esse enquadramento pedagógico nem sempre podia ser cumprido por muitas dessas jovens, que não tinham condições financeiras para a compra do material escolar.

Sobre essa questão, Mogarro (2005) admite que a cultura escolar apresenta uma natureza profunda e naturalmente histórica. Ela é constituída por um conjunto de teorias, ideais e princípios, normas, regras, rituais, rotinas, hábitos e práticas que nos remetem às formas de fazer e pensar os comportamentos sedimentados ao longo do tempo, apresentando-se como tradições, regularidades e regras partilhadas pelos atores educativos, no seio das instituições.

A produção dessa cultura, como a sua compreensão, exige não só um trabalho de elaboração e procura de fontes, como também, de acordo com Felgueiras (2005), o recolhimento, junto às pessoas, de recordações que são permeadas de simbolizações e assumem processos dinâmicos de conflito e mudança.

No espaço de narração de si, ficou claro que muitas questões se colocavam para reflexão acerca da especificidade de "ser professor", tais como as vivências e experiências escolares, envolvendo o ensinar e aprender; a possibilidade de estudar, dependendo da renda familiar e as relações entre estudo e perspectivas de trabalho. Isso foi possível de ser vivenciado ao acessarem memórias, reflexões individuais e coletivas ligadas à prática pedagógica testemunhada pelas jovens alunas.

Indo em direção a esse mote, nas entrevistas e nas oficinas de criação, capturou-se:

Me matriculei no curso por incentivo da minha mãe e no início não estava muito motivada e hoje com os estágios e o apoio de alguns professores, penso que conseguirei chegar numa universidade e conseguir dar aulas numa escola da rede privada ou pública (aluna de 18 anos/2008).

E que lembranças/memórias sobre o espaço escolar e sobre as vivências expressivas as educandas trouxeram para os encontros? Como foram fazendo e inventando seus modos de fazer através da escrita de si?

Minha infância foi muito feliz, tudo era colorido. Eu me lembrei de quando minha mãe me levava à escola. Era muito bom ver meus amigos, brincar de massinha, por avental para fazer pinturas. Na vivência foi tudo tão mágico que eu cheguei a sentir o cheiro de chocolate.

Eu me lembrei de quando eu era pequena que estudava na creche. Lembrei das muitas cores, da música, do chocolate. Lembrei que eu e as crianças da creche tínhamos que dormir toda à tarde, mas eu não conseguia pregar os olhos.

Minha mãe levava minha irmã e eu para a creche. Sempre que chegávamos lá minha irmã abria a boca a chorar.

A minha infância foi muito divertida. Apreendi muito. Lembro do cheiro do bolo de fubá que minha avó adorava fazer. Lembro das minhas professoras na escola, as minhas pinturas no caderno (Diários de Bordo, março de 2008).

A oportunidade de recuperar memórias, registrá-las ou expressá-las plasticamente através de imagens, foi um caminho possível capaz de levar a uma reflexão sobre o seu próprio processo de aprendizagem e das experiências estéticas vividas, uma vez que tais memórias iluminam os fazeres do presente, como Chamlian (2008, p. 136) sinaliza:

A narrativa autobiográfica permite trazer à luz as dificuldades, as fraquezas, mas, também, as potencialidades e qualidades, que podem sedimentar escolhas, e fortalecê-las. Permite, sobretudo, compreender o processo de aprender e a implicação de esteriótipos na aceitação das explicações teóricas sobre a aprendizagem.

Nesse sentido, Vygotsky (1988; 2001; 2003 a, b, c) teoriza sobre a **linguagem**, como constituidora do sujeito, sublinhando que as expressões criativas do sujeito, potencializam a linguagem como instrumento do pensamento. Afirma que, quando o indivíduo se apropria da cultura e da linguagem, ele se auto-organiza, pois tanto a cultura quanto a linguagem são dinâmicas, possuem movimento e não se cristalizam. Por sua vez, o pensamento e a linguagem são chave para compreensão da natureza da consciência humana (2003c).

Na trilha do caminho vygotskyano:

Um pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras. Exatamente porque um pensamento não tem em equivalente imediato em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado. Na nossa fala há sempre o pensamento oculto, o subtexto (VIGOTSKY, 2003 c, p. 129).

Se o foco da pesquisa foi jovens, entende-se que a sua formação não se dá somente através de uma ação educativa, mas, sim é resultado de uma trajetória de vida e da reflexão sobre o modo como se apropriam de um determinado tempo e de espaços educativos (DOMINICÉ, 1990), além da capacidade do uso da palavra que expresse pensamentos e emoções.

Podemos interpretar que, a partir desses estudos:

Os relatos de vida, centrados na formação, relacionam-se a territórios, e como todo o território estão, geralmente, associados a questões de pertencimento e, por consequência, a questões de identidade que se encontram no cerne dos relatos, como nas autobiografias contemporâneas (JOSSO, 2008, p. 23).

Foi na busca desses territórios de si, que a pesquisa se desenvolveu, materializando as possibilidades de que através do uso de formas de linguagens libertadoras e reflexivas, os futuros professores encontrassem seus próprios meios para acessar suas memórias e narrações.

Os relatos pessoais apresentam-se como investidos de representações comumente partilhadas na inscrição de aquisições e buscas de novas competências para a carreira do magistério. Vale destacar a escrita de uma participante das oficinas criativas: “Para ser uma professora competente é preciso ter vocação, amar a profissão, amar as crianças e isso nasce com a gente” (Registro feito no “Diário de Bordo” em 19 de novembro de 2008).

Com tais registros, podemos observar a naturalização do significado da docência, evidenciando-se a priorização da produção de um conhecimento prático. A vocação, de acordo com Bruschini (1981), associa-se à ideia de que as pessoas possuem dons naturais e uma predisposição para o desempenho de determinadas ocupações, sendo esse um dos mecanismos mais eficazes para induzir as mulheres a escolher profissões menos valorizadas socialmente (Ibid., p. 72). Assim, alguns mitos acompanham o motivo de o magistério ter a predominância feminina, e ressalta-se, nas oficinas realizadas, o debate acerca das condições concretas de realização profissional e a desvalorização em vários sentidos: econômica, social e cultural.

Notas finais: pontuando algumas reflexões

Recuperar a história das mulheres no magistério é crucial, no momento em que o debate sobre a profissão docente tem sido intensificado com o movimento de revitalização dos cursos de formação em que se questionam o projeto pedagógico e os saberes implicados no processo formativo.

Através dos depoimentos feitos, das imagens plásticas construídas, dos registros escritos, tentou-se elaborar algumas análises que aqui foram esboçadas como produto de uma leitura, entre outras, mesmo que preliminar e a ser construída. Assim, procurou-se problematizar as posições ocupacionais precárias entre as jovens que optam pelo curso, o estímulo familiar para

a continuidade dos estudos, especialmente a participação das mães nesse processo, as expectativas em relação ao trabalho, avanço nos estudos e a desmotivação pela carreira docente.

Nesse sentido, é prioritário desenvolver cada vez mais estudos na área de formação de professores, a fim de avaliar as atividades realizadas e propor novos planos formativos. Um dos caminhos pode ser o de levar em conta as percepções dos estudantes em formação e suas representações sobre suas vidas, ou seja, como vão se construindo e como encaram suas carreiras. Ouvir o que essas jovens alunas sabem sobre si mesmas pode ser uma forma de valorizá-las e de contribuir para o mencionado debate sobre a profissionalização docente, expondo os variados ângulos da questão. Sabe-se que existem muitas formas de os alunos falarem de suas vidas, de suas trajetórias humanas e escolares, e esses “dizeres” podem dar voz àqueles, que por tanto tempo, foram silenciados.

Para tal, devemos dar oportunidade para que espaços escolares de formação inicial e continuada de professores se potencializem em busca de uma agenda pedagógica sustentada por práticas educativas que no âmbito dos desafios da vivência criativa sejam capazes de redimensionar estudos e ações de educadores.

Afinal, a Arte, como o linguagem e manifestação de cultura poderá ser uma aliada nessa construção urgente, pois, retomando a epígrafe, no dizer de Gadotti (2007), os professores são imprescindíveis, pois constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos.

Acredita-se que esse é um caminho possível.....

Referências

- BRUSCHINI, C. Vocação ou profissão? In: **ANDE**, Ano 1, n. 2. São PAULO, 1981, p. 32.
- CHAMLIAN, Helena Coharik. Métodos autobiográficos e práticas de formação de adultos: apontamentos e balanço sobre experiências realizadas. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel (Org.). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DOMINICÉ, P. **L’histoire de vie comme processus de formation**. Paris: Éditions L’Harmattan, 1990.
- FELGUEIRAS, M. **Materialidade da cultura escolar**. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 46-54, jan./abr. 2005.
- FREITAS, Helena. **Elementos para definição de uma política de formação, profissionalização e valorização do magistério**. São Paulo, UNICAMP, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/anfope>>. Acesso em: 30 nov. 2009.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Rio de Janeiro: WTC, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDEFERN, São Paulo: Paulus, 2008.

LARROSA, Bondía Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 54- 72, jan./fev./mar./abr. 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

MOGARRO, M. J. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, preservar a memória. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 16, n. 1. p. 46- 52, jan./abr. 2005.

SOUZA, Elizeu C. Abordagem experiencial: pesquisa educacional, formação e histórias de vida. In: SOUZA, Elizeu C. (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Salto para o futuro, TV Escola. Boletim 01, mar. 2007, SEED/MEC.

SPOSITO, Marília. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2007.

VIGOTSKY, L S. **La imaginación y el arte en la infancia**. Madri: Ediciones Akal, 2003a.

_____. A Educação estética. In: _____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003b.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003c.